

DOS GÊNEROS ORAIS AOS GÊNEROS ESCRITOS: A RETEXTUALIZAÇÃO NO TRABALHO COM A PRODUÇÃO DE TEXTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Charles Carlos da Silva
Aluno do Curso de Letras da UERN

Ananias Agostinho da Silva
Professor de Educação Básica do Estado do Rio Grande do Norte

Maria Gorete Paulo Torres
Professor de Educação Básica do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO: Neste trabalho, buscamos analisar a prática de retextualização de gêneros orais em gêneros escritos no trabalho com a produção de textos no Ensino Fundamental, mais especificamente no primeiro e segundo anos, da Escola Municipal Professora Nila Rêgo, localizada na cidade de Pau dos Ferros-RN. Para isso, nos baseamos fundamentalmente nos postulados teóricos de Marcuschi (2001) e Dell’Isola (2007) sobre os processos de retextualização e em seus estudos sobre os gêneros orais e escritos. Na análise percebemos que, em sua maioria, os textos apresentam marcas e recursos da oralidade, revelando, pois, que os alunos apresentam um certo desconhecimento das discrepâncias existentes entre a modalidade oral e a modalidade escrita da língua. É perceptível também a dificuldade que os alunos apresentam no emprego de conectivos de coesão.

Palavras-chave: Oralidade; Escrita; Gêneros; Retextualização.

Introdução

Este trabalho apresenta a descrição de uma das atividades executadas pela pesquisa “O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos e da inserção do laptop na escola pública brasileira”, desenvolvida por três instituições de ensino superior brasileiras: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Esta pesquisa, considerando os baixos índices da educação no Brasil, conforme demonstram avaliações realizadas pelo Ministério da Educação, tais como SAEB, Prova Brasil, Provinha Brasil, visa esboçar um plano que ajuste a continuidade programática entre Educação Infantil e Ensino Fundamental, tendo como referências e objetivos o domínio da escrita e dos sistemas notacionais contemporâneos, incluindo, nesse contexto, o uso do suporte eletrônico e da rede.

Neste estudo, procuramos analisar uma proposta didática executada no primeiro e no segundo ano da Escola Municipal Professora Nila Rego – Escola de

Aplicação da Pesquisa Desafio da UERN. Em termos mais específicos, interessa-nos analisar a prática de retextualização de gêneros orais em gêneros escritos no trabalho com a produção de textos escritos na sala de aula. O gênero escolhido para realização deste trabalho foi a fábula. A escolha por esse gênero se justifica pelo fato do mesmo ser adequado para construção de uma progressão curricular nas primeiras séries do Ensino Fundamental, conforme afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (2000).

Em relação à fundamentação teórica que dará sustentação a este estudo, nos subsidiaremos, basicamente, da concepção interacionista de linguagem apresentada por Bakhtin (2003), dos estudos de Geraldi (1991), Antunes (2006, 2009), Bunzen (2006) e Marcuschi (2008) sobre o ensino de produção de textos na escola e nos postulados teóricos de Marcuschi (2001) e Dell’Isola (2007) sobre os processos de retextualização de gêneros orais em gêneros escritos. Por fim, em relação à configuração deste trabalho, apresentamos, inicialmente, uma síntese das reflexões teóricas que norteiam este trabalho e, em seguida, a análise dos dados.

Retextualização

Dell’Isola (2007), discutindo o ensino de língua materna, apresenta a *retextualização* como uma eficiente proposta de trabalho com a produção textual. Para a autora, a retextualização compreende “um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e uma reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem” (p. 10). Essas operações são complexas e interferem não apenas no código, mas também no sentido, evidenciando uma série de aspectos da relação entre oralidade-escrita, oralidade-oralidade, escrita-escrita e escrita-oralidade.

Conforme Marcuschi (2001), que também compreende a retextualização como a mudança de uma modalidade de um texto para outra modalidade, há quatro possibilidades de retextualização: i) *da fala para escrita*; ii) *da fala para fala*; iii) *da escrita para escrita*; e iv) *da escrita para a oralidade*. Essas possibilidades de retextualização não podem ser compreendida como processos que envolvem atividades mecânicas, mas sim como rotinas com que lidamos constantemente nas sucessivas reformulações dos textos, numa complexa variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. Para Marcuschi (2001, p. 48), “toda vez que repetimos ou

relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra”.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, a retextualização apresenta-se como uma proposta bastante eficiente, principalmente no trabalho com a produção de textos escritos, pois, como ressalta Dell’Isola (2007), a prática da escrita de gêneros orientada pela leitura de um texto e pelo desafio de transformar seu conteúdo em outro gênero, mantendo fidelidade às suas informações de base, é uma atividade bastante produtiva.

Metodologia

A partir da proposta de retextualização apresentada por Dell’Isola (2007), procuramos elaborar uma nova proposta de trabalho com o gênero fábula para ser aplicada nas turmas do primeiro e segundo anos da Escola Municipal Professora Nila Rego. Inicialmente, levamos alguns textos pertencentes ao gênero fábula para serem apresentados em sala de aula. Os alunos puderam observar uma variedade de textos pertencentes a este gênero – observando principalmente as imagens, já que a maioria ainda não conseguia ler – e escolheram, dentre eles, uma fábula para ser contada na sala. A fábula escolhida foi “A cigarra e a formiga”, de Esopo (LA FONTAINE, 1998), que foi contada por um bolsista da Pesquisa Desafio, utilizando recursos de multimídia para dinamizar a apresentação. Durante a contação, os alunos ficaram bastante atentos, mostrando-se interessados em ouvir a história por completo.

Após a contação, o bolsista procurou interagir com a turma para averiguar o entendimento da história pelos alunos, fazendo questionamentos, tais como: Quem são os personagens? Qual é a trama da história? Qual foi o desfecho? Que lição a história traz? O que você aprendeu com esta história? Esses questionamentos foram bastante úteis, pois, na medida em que os alunos iam respondendo a essas questões iam reconstruindo a história, lembrando de determinados acontecimentos e relacionando-os com experiências práticas. Enquanto respondiam aos questionamentos, os alunos começavam a recontar oralmente a própria fábula, reproduzindo, muitas vezes, fielmente trechos que foram contados pelo bolsista.

Em seguida, o bolsista pediu aos alunos que escrevessem a fábula contada, tarefa por meio da qual os alunos tiveram a oportunidade de elaborar a retextualização

da fábula. Muitos alunos encontram muitas dificuldades na realização desta tarefa, visto que não tinham hábito de escrita, principalmente os alunos do primeiro ano, onde muitos não conheciam nem as letras do alfabeto. Mesmo assim, sessenta alunos conseguiram produzir seus textos. Desses textos, selecionamos, por meio de sorteio simples, dois textos para constituírem o *corpus* desse artigo, sendo um do primeiro ano e outro do segundo ano. Apesar de nosso *corpus* ser pequeno, não inviabiliza as conclusões a que chegaremos, pois os textos selecionados espelham os problemas mais gerais encontrados nos demais textos.

Análise dos dados

O texto que reproduzimos abaixo foi escrito por um aluno do primeiro ano. Esse aluno, conforme diagnóstico realizado anteriormente, é um dos melhores da turma, pois conhece as letras e já consegue ler e escrever e apresenta bons índices de rendimento durante as atividades realizadas em sala de aula.

era uma vez uma cigarra que so sabia canta e canta e tinha as forminguinha que so trabalhavam ai no inferno as forminguinha tina alimento e a cigara não tina ai a cigara pediu comida a forminguina e ela não deu porque se não a comida acabava ai a cigra foi embora e viveram feliz para sempre.

A *priori*, podemos perceber que o texto deste aluno apresenta vários problemas ortográficos e gramaticais, como por exemplo, a falta da letra de um letra constituinte de dígrafos, como “lh”, “rr”, dentre outros; a troca de uma vogal por outra, como o “o” pelo “u” em expressões em que esta primeira vogal apresenta o mesmo som que a outra; a omissão do “r” ao final de verbos no infinitivo; dentre outros aspectos. Entretanto, isto é absolutamente normal, considerando que a produção foi realizada por um aluno do primeiro ano do Ensino Fundamental. Mesmo assim, um aspecto que gostaríamos de destacar, é a falta de pontuação. O único lugar onde o aluno coloca um sinal é ao final do texto, quando usa o ponto final. Esse foi um problema da maioria dos textos analisados. Ou desconhecem os sinais de pontuação ou não sabem onde utilizá-los.

Esse aspecto já aponta para o fato de serem nítidas as marcas da oralidade na produção escrita deste aluno – e não apenas nesse texto, mas em todos os textos da turma. Na oralidade não empregamos, ao menos de forma concreta, os sinais de pontuação. Além disso, podemos perceber outras marcas que apontam para a influência

da oralidade na escrita dos alunos, tais como a repetição (“so sabia canta e canta”, “e”), o emprego de marcadores conversacionais (“ai no inferno”; “ai a cigarra”), dentre outras. Essas marcas revelam que o aluno ainda não sabe distinguir certas expressões que são próprias da oralidade daquelas mais utilizadas na escrita.

E na verdade, não esperamos que esse aluno do primeiro ano já saiba disso. Interessa-nos mostrar que a criança traz certos recursos da oralidade para a escrita porque tem domínio da oralidade. E a oralidade pode apresentar um potencial muito grande para a aquisição da escrita. Acreditamos que a criança que consegue expressar-se bem oralmente terá maior facilidade de desenvolver a escrita do que crianças que tem dificuldade em expressar-se oralmente. Isso porque já possuem conhecimentos linguísticos que lhes permitem expressar-se, posicionar-se diante de um texto e, conseqüentemente, produzir novos textos.

Por fim, outro aspecto que merece ser destacado ainda no texto do aluno do primeiro ano são as expressões “Era uma vez” e “viveram felizes para sempre”. Essas expressões são próprias e características do texto narrativo e o emprego das mesmas revela que o aluno apresenta um certo conhecimento sobre o gênero, mesmo sem ter sido realizado um trabalho sistemático com a estrutura da fábula. Isso indica que nem sempre há necessidade desse trabalho ser realizado em sala de aula, principalmente tratando-se de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Acreditamos que, ao menos nesse caso em que apresentamos, não interessa que o aluno aprenda quais as características estruturais do gênero fábula, mas sim que desenvolva suas habilidades linguísticas.

Vejam agora o texto produzido por um aluno do segundo ano do Ensino Fundamental. Este aluno também é considerado como um dos melhores da turma, apresentando um bom rendimento na realização das atividades que lhes são propostas:

Era uma vez uma cigarra qui ficava dormindo sempre e cantado muito. Ela so govstava de canta i si diverti i as furmiguinas so trabalhavão juntando alimento para quando xegasse o iverno e a cigarra so mangava das furimiguinas poque elas não se divertia.

Aí quando xegou o iverno as furmiguinas tinha o que come e a cigarra não tinha porque ela não trabalho a cigarra pediu as formiguinas para vicar na casa delas mais elas não deixaram e disseram assim: va para outro luga aqui não cabe voce e ela fico o iverno todo no frio.

O texto do aluno do segundo ano parece apresentar uma maturidade maior do que o texto anterior. O que é esperado, já que este aluno está em uma série superior ao

primeiro ano. Além disso, o texto apresenta uma extensão maior e, conseqüentemente, um maior número de informações, inclusive algumas que não foram apresentadas no texto anterior (“*a cigarra so mangava das furimiguinas*”). É possível, ainda, observar uma melhor organização textual, pois o texto está estruturado em parágrafos, que estabelecem relações semânticas entre si e estão interligados por um conectivo.

O aluno também consegue utilizar recursos próprios do texto narrativo, como a expressão introdutória “Era uma vez”, a presença de um narrador onisciente, o uso de advérbios marcadores temporais, que fazem com que o texto apresente uma ordem temporal. Ele consegue, por exemplo, apresentar uma distinção gráfica, e também semântica, entre seu discurso – enquanto narrador – e o discurso do personagem, sinalizado pelo uso do verbo discendi e pelos dois pontos: “*diseram assim: va para outro luga aqui não cabe voce*”.

Esse texto, assim como o anterior, também apresenta problemas de ordem gramatical e ortográfica, mas não interferem propriamente na construção de sentidos para o texto. Além disso, o autor do texto é um produtor iniciante, que ainda não domina certos aspectos desta ordem. É visível também a influência da oralidade na produção escrita desse aluno. O uso da repetição, a escrita fonética (expressões que são escritas do mesmo modo que são pronunciadas, como o “i”, “xegou”, por exemplo), o uso do marcador conversacional (“aí”), que no texto funciona como um conectivo de ligação entre os parágrafos, dentre outros aspectos.

Este aluno tem uma facilidade muito grande para expressar-se oralmente. As atividades de reconto, por exemplo, são as que ele mais gosta, pois lhes permitem o direito à palavra. No próprio reconto desta atividade, o aluno conseguiu recontar perfeitamente a história, fazendo, inclusive, encenações, enfatizando determinadas falas, como aquelas que são produzidas pelos personagens. E no texto escrito ele toma realmente a palavra, inserindo não apenas informações que foram contadas na história, mas outras informações referentes a outras histórias que fazem parte do repertório de histórias que ele já ouviu.

Conclusão

Este trabalho buscou analisar produções textuais retextualizadas por alunos dos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental, procurando destacar não meramente aspectos de ordem gramatical e ortográfica, mas a importância que a oralidade pode

apresentar para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos alunos. Nossa ideia é que essas duas modalidades da língua não sejam vistas na sala de aula como dicotômicas, mas como complementares, como um contínuo – nas palavras de Marcuschi (2001, 2008). Isso porque, conforme pudemos comprovar em nossas análises, os alunos que apresentam um bom desempenho na oralidade apresentam um melhor desenvolvimento na realização de atividades de escrita, pois conseguem expressar-se com mais facilidade, construir opiniões, pontos de vista, posicionar-se frente a um tema, dentre outros aspectos.

Essa constatação aponta para a necessidade da escola rever suas práticas em relação ao trabalho com a produção de textos escritos como algo dissociado da oralidade, reproduzindo uma divisão que há muito não se sustenta nas discussões sobre a língua. A escola precisa investir não apenas no trabalho com a escrita, mas também – e talvez com o mesmo afincamento – com a oralidade, pois ambas se completam e possibilitam, juntas, o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, bem como a participação ativa dos mesmos nas práticas de linguagem das diversas esferas sociais de atuação humana.

Referências

- Antunes, I. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.) *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 163-180.
- Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Brasil. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 2000, v.2.
- Bunzen, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEM, C. & MENDONÇA, M. (Org.). *Português no Ensino Médio e formação de professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 139-162.
- Dell’Isola, R. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- Geraldi, J. W. *Postos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Marcuschi, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.